

NÓS POR NÓS MESMAS:

MATERNIDADE, SUBJETIVIDADE E PANDEMIA

Luciana da S. Oliveira Lemes¹
Telma Silva Santana Lopes²
Paula da Silva Moreira Carvalho³
Maristela Rossato⁴

RESUMO

O estudo objetiva analisar a configuração subjetiva da maternidade como constitutiva da dinâmica de vida da mulher, em contexto de pandemia. Apoiado na Teoria da Subjetividade, de perspectiva cultural-histórica, e Epistemologia Qualitativa expõe os resultados de uma investigação empírica com três mulheres brasileiras, em contextos e momentos cronologicamente distintos da maternidade. Os recursos informacionais foram: dinâmicas conversacionais, redação, diário materno e fotografias. Apresentam-se três eixos de análise: a) a maternidade constituída historicamente e sua expressão atual na pandemia; b) ser mãe entre demandas na pandemia: maternidade, vida acadêmica e profissional; c) as dinâmicas sociais dos sistemas de relações da mulher: maternidade e pandemia. Os resultados indicam aspectos como a singularidade, historicidade e o caráter gerador da mulher para avançar na compreensão de investigações e práticas sobre a maternidade.

Palavras-chave: Mulher; Maternidade; Subjetividade; Pandemia.

RESUMEN

El estudio tiene como objetivo analizar la configuración subjetiva de la maternidad como constitutiva de la dinámica de vida de la mujer, en contexto de pandemia. Apoyado en la Teoría de la Subjetividad, desde la perspectiva cultural-histórica y en la Epistemología Cualitativa expone los resultados de una investigación empírica con tres mujeres brasileñas, en contextos y momentos de maternidad cronológicamente distintos. Los recursos de información fueron: las dinámicas conversacionales, los ensayos, el diario materno y las fotografías. Se presentan tres ejes de análisis: a) la maternidad constituída históricamente y su expresión actual en la pandemia; b) ser madre entre las demandas en la pandemia: maternidad, vida académica y profesional; c) las dinámicas sociales de los sistemas de relaciones de la mujer: maternidad y pandemia. Los resultados apuntan aspectos como la singularidad, historicidad y el carácter generador de la mujer para avanzar en la comprensión de investigaciones y prácticas sobre la maternidad.

Palabras-clave: Mujer; Maternidad; Subjetividad; Pandemia

ABSTRACT

The study aims to analyze the subjective configuration of motherhood as constitutive of the dynamics of women's lives, in the context of a pandemic. Supported by the Theory of Subjectivity, from a cultural-historical perspective, and Qualitative Epistemology, it exposes the results of an empirical investigation with three Brazilian women, in chronologically different contexts and

¹ Mestrado em Educação pela Universidade de Brasília (2014). Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Escolar - PGPDE/UnB (2/2019).

² Mestrado em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde pela UnB (2017). Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Escolar - PGPDE/UnB (2/2019).

³ Mestrado em educação pela Universidade de Brasília (2022). Pedagoga pela Universidade de Brasília (2003).

⁴ Mestrado em educação pela Universidade de Brasília (2022). Pedagoga pela Universidade de Brasília (2003).



moments of motherhood. The informational resources were: conversational dynamics, writing, maternal diary and photographs. Three axes of analysis are presented: a) historically constituted motherhood and its current expression in the pandemic; b) being a mother among demands in the pandemic: maternity, academic and professional life; c) the social dynamics of women's relationship systems: motherhood and the pandemic. The results indicate aspects such as uniqueness, historicity and the generative character of women to advance in the understanding of investigations and practices about motherhood.

Keywords: Woman; Maternity; Subjectivity; Pandemic.

1. Introdução

A maternidade tem sido objeto de estudo de muitas áreas do conhecimento, a depender do enfoque e aspecto a ser ressaltado. Recentemente, alguns estudos abordam a vivência da maternidade perpassada por adversidades (SANTOS E SCHOR, 2003; CARPENEDO; NARDI, 2017, CLÍMACO, 2020), outros apresentam uma abordagem crítica quanto aos papéis e funções atribuídas ao sexo feminino ao longo da história (ALMEIDA, 2007; CORREIA, 1998; MOURA; ARAÚJO, 2004; MOREIRA; NARDI, 2009), outrem, ainda, discutem a sobrecarga de atividades e estresse emocional das que são mães, nesse momento de isolamento social e que também estão exercendo funções laborais (CASTRO; CHAGURI, 2020; DITZ; ROCHA, 2020; ABREU, MARQUES; DINIZ, 2020; CARUZO ET AL, 2020). Desse modo, torna-se relevante ampliar essa discussão e pensar na maternidade transversalizada por marcadores culturais, sociais e históricos, assim como aprofundar a temática na compreensão da representação social da maternidade e, principalmente, de como esta é subjetivada e singularizada pela mulher.

Nesse contexto de pandemia, atualizam-se questionamentos filosóficos, políticos, sociais e culturais de Simone de Beauvoir (1908-1986), Adrienne Rich (1929-2012), Élisabeth Badinter (1985), Sharon Hays (1998), Saletti-Cuesta (2008), Andrea O'Reilly (1998, 2010, 2014), no que se refere ao lugar que a mulher ocupa nos contextos sócio históricos e culturais na atualidade. As autoras, ao evidenciarem críticas às atribuições e funções sociais impostas à mulher, puderam inspirar movimentos feministas orientados a debates como a hierarquia de gênero e as iniquidades sociais na maternidade.

Historicamente, conquistas como o direito ao processo de escolarização, o voto feminino, a entrada no mercado de trabalho, a liberdade sexual, legislações específicas de proteção às mulheres contra a violência doméstica e, mais recentemente, a descriminalização e legalização do aborto, efetivaram-se paralelamente ao processo de autoconhecimento da mulher, em constante enfrentamento nos diversos contextos sociais. Essas conquistas e o movimento de luta por novos espaços sociais perpassa a questão de romper diariamente representações sobre a mulher nas condições do patriarcado (LERNER, 2019). Ao mesmo tempo em que busca trilhar caminhos próprios, a mulher ainda é julgada por seu comportamento, por um relacionamento com base em um modelo heteronormativo e cobrada socialmente quando a maternidade não se trata de uma escolha pessoal. Tais questões, presentes em um discurso dominante, acabam por reduzir a mulher

a uma lógica instrumental, sem considerar quem, de fato, ela é, como vive suas experiências e o que representa socialmente.

Diante dessa nova realidade que vem se constituindo em razão da pandemia⁵, de amplitude mundial, alterou-se a rotina das mulheres e mães de maneira profunda, potencializando-se várias questões relacionadas ao trabalho, às tarefas domésticas, ao cuidado e à educação dos filhos, em uma sobrecarga de atividades invisibilizada socialmente (RODRIGUES, 2020). Ao considerar esse contexto, o artigo objetiva analisar a configuração subjetiva da maternidade como constitutiva da dinâmica da vida da mulher no atual contexto de pandemia. O intuito é evidenciar como a maternidade é vivida de forma singular pela mulher, a partir da produção de fluxos de sentidos subjetivos que transcendem a representação social da maternidade, circunscrito em contexto de pandemia no Brasil.

2. Construções sociais da maternidade e maternagem

Segundo Ariès (1978), Correia (1998), Moura; Araújo (2004) constituem-se construtos sociais o sentimento de infância, as formas de organização familiar e a maternagem, sentimento que une mãe e filho e que se desenvolve a partir da experiência da maternidade. Algumas das representações sociais advindas do marco histórico dos séculos XVIII e XIX em relação à mulher, atribuíram-lhe o papel de mãe apoiado pela romantização da maternidade, sustentando o mito do amor materno instintivo e incondicional (Badinter, 1985). Um legado perpassado pelas questões de raça, gênero e classe que, ao longo do tempo, consolidou um lugar social de ausência de direitos perante a gestão de seu próprio corpo, escolhas e vontades. De acordo com Rich (1929-2012), esse fenômeno social configura o conceito de maternidade ‘institucional’, que se contrapunha à potência da experiência de se gerar uma nova vida. Ao mesmo tempo, a considerar os interesses sociais, definia-se a maternidade como ‘científica’ legitimada por discursos médicos e psicológicos, de uma mãe responsável e especialista em problemas da infância. Além disso, explicitava-se uma maternidade ‘intensiva’, em que a mulher, além do papel de mãe, precisava se desdobrar no cumprimento do papel de trabalhadora

⁵ A Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou, em 30 de janeiro de 2020, que o surto da doença causada pelo novo coronavírus (COVID-19) constitui uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional – o mais alto nível de alerta da Organização, conforme previsto no Regulamento Sanitário Internacional. Em 11 de março de 2020, a COVID-19 foi caracterizada pela OMS como uma pandemia. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19>. Acesso em: 01 de junho de 2021.

e outras funções na sociedade capitalista (HAYS, 1998). No século XX, com a modernização pós-guerras, cunhou-se o conceito de maternidade ‘moderna’, que reforça o conceito de cientificidade, ao educar a mulher para desempenhar o papel de mãe (SILVA, 2018).

A naturalização da maternidade como obrigação primeira da mulher resvala, atualmente, no direito em exercer a maternagem como se almeja. Diz respeito a escolha do seu melhor momento para engravidar, sua vontade em considerar ou não a presença do pai da criança, dispor de um tempo qualitativamente diferenciado para cuidar e estar com o bebê e, ainda, fazer uso de métodos contraceptivos, tendo suas escolhas respeitadas. Desse modo, muitas mulheres ainda são silenciadas em virtude de julgamentos de cunho moral orientados ao questionamento de uma feminilidade socialmente inventada. A maternidade, de modo equivocado, é compreendida como uma condição à vida da mulher, em uma representação universal e idealizada da figura feminina (MOREIRA; NARDI, 2009).

Essa reconhecida desigualdade que entrelaça o universo feminino, sobretudo de mulheres negras, cisgênero, transgênero ou fragilizadas pelas imposições da pobreza, mobiliza uma luta que se atualiza nesse período de pandemia – contexto em que mais uma vez evidenciam-se as desigualdades de gênero, expressas em situações cotidianas de mulheres sobrecarregadas, física e emocionalmente (MACEDO, 2020). Atualmente, os desafios do trabalho, a maternidade, os cuidados e preocupações com a saúde de familiares, resulta em um tempo cada vez menor destinado a si mesmas (CASTO; CHAGURI, 2020).

O contexto da pandemia reforça e elucida uma jornada tripla das mães, principalmente, mãe solo e em situação considerada de vulnerabilidade social, em que muitas das experiências estão marcadas por processos da estrutura social como a pobreza, desemprego e violência doméstica (PERES, 2020). Identifica-se que, na intersecção maternidade, raça, gênero e classe social, os estudos têm explicitado como as mulheres têm singularizado e ressignificado a maternidade em sua vida (SALETTI CUESTA, 2008; ABREU, MARQUES; DINIZ, 2020). Portanto, considera-se que análises e reflexões acerca dos processos subjetivos gerados pela mulher necessitam ganhar visibilidade ao relacionar-se a um fenômeno social historicamente transversalizado. Dessa forma, reconhece-se o valor da Teoria da Subjetividade, em uma perspectiva

cultural-histórica, pois possibilita gerar algumas novas inteligibilidades sobre como a mulher tem subjetivado as experiências da maternidade durante a pandemia.

3. A maternidade como configuração subjetiva em contexto de pandemia: contribuições da Teoria da Subjetividade na perspectiva cultural-histórica

A Teoria da Subjetividade em uma perspectiva cultural-histórica, conforme concebida por González Rey (2005a, 2005b, 2010, 2011, 2020), foi a principal base teórica, epistemológica e metodológica do estudo. Este sistema nos possibilitou compreender e dar visibilidade às produções subjetivas da mulher, configuradas na experiência da maternidade, no contexto de pandemia ocasionada pelo novo coronavírus (COVID-19), ao evidenciar o seu lugar gerador sobre a própria experiência. Segundo essa perspectiva, o contexto social não impacta de modo direto a vida das mulheres, mas a constitui pelo modo singular com que vivenciam suas experiências, assim como pelas possibilidades que elas têm de produzir emocionalmente a partir da realidade imposta pelo contexto pandêmico, constituindo-se como fonte geradora de um sistema dinâmico – a subjetividade – que se organiza e se expressa de forma individual e social.

A perspectiva cultural-histórica da subjetividade compreende o funcionamento psicológico a partir de uma perspectiva processual e fluida, composta por um sistema simbólico-emocional que é basilar da produção de sentidos subjetivos no curso da ação e das relações. Essa compreensão gera uma representação complexa do desenvolvimento humano, em detrimento ao estudo de processos isolados, capaz de se relacionar e atuar em outros sistemas como, por exemplo, o biológico (GONZÁLEZ REY, 2005, 2010, 2012).

A maternidade é concebida como uma configuração subjetiva que, no curso da ação, é geradora de novos sentidos subjetivos que podem se integrar a outras áreas da vida da mulher. Em vista disso, a pesquisa desenvolvida contempla a compreensão da produção subjetiva da mulher, articulada à sua história de vida e às formas como ela sente e se posiciona frente à maternidade, durante a pandemia. O conceito de configuração subjetiva nos permitiu compreender uma representação atual, viva e complexa da mulher no curso da maternidade.

“As configurações subjetivas são um momento de auto-organização que emerge no fluxo caótico de sentidos subjetivos e que define o curso de uma experiência de vida, especificando

A pesquisa aborda, ainda, uma compreensão indissociada da subjetividade individual e social, as dinâmicas sociais, os sistemas de relações e comunicações dos contextos expressos nesse processo e como podem se constituir fontes de novos sentidos subjetivos à mulher em suas experiências de maternidade. Ao propiciar novos olhares sobre a própria experiência, a mulher pode produzir novos recursos subjetivos que lhe possibilitam gerar mudanças orientadas ao seu próprio desenvolvimento (GONZÁLEZ REY, F.; MITJÁNS MARTÍNEZ, A.; ROSSATO, M.; GOULART, D., 2017; SAMUELLS, 2018).

4. Proposta epistemológica e metodológica

A pesquisa, de caráter qualitativo⁶, orientou-se pelos três princípios gerais da Epistemologia Qualitativa (GONZÁLEZ REY, 2005, 2010, 2011) e seu valor consiste em possibilitar construções alternativas para a representação social da maternidade, por meio dos processos de confrontação, contradição e reflexão. O primeiro princípio faz referência ao conhecimento como produção construtivo-interpretativa, o segundo ao caráter dialógico do processo de construção do conhecimento e o terceiro ao reconhecimento do singular como espaço legítimo de produção de conhecimento. Estes princípios se integram e permitem o desdobramento da Epistemologia Qualitativa em uma metodologia que unifica o empírico e o teórico, torna a pesquisa um ato criativo de pesquisadores, rompendo com resquícios de objetividade e determinismos que, por vezes, marcaram a história de muitas áreas do conhecimento (GONZÁLEZ REY; MITJÁNS MARTÍNEZ, 1989, 2017).

Para o desenvolvimento do estudo acompanhou-se a experiência da maternidade de três mulheres, na pandemia, durante o período de 13 (treze) meses, nomeadamente, de março de 2020 a abril de 2021. A divulgação da pesquisa, para escolha de participantes aconteceu via rede contatos das pesquisadoras, por meio do aplicativo *whatsapp*. Os critérios para escolha foram: a) ser mãe; b) estar matriculada como estudante de um programa de pós-graduação na universidade pública (por ser a mesma condição das

⁶A pesquisa considerou os procedimentos éticos para investigações com seres humanos, segundo previsão da Resolução do Conselho Nacional de Saúde (CNS) nº 126 (Brasil, 1996), da Resolução do CNS nº 466 (Brasil, 2012) e da Resolução nº 510 (Brasil, 2016). Conforme exigência, as participantes assinaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido como também, suas identidades foram preservadas.

pesquisadoras, naquele momento); c) diversidade em relação a idade dos (as) filhos (as); d) diferentes histórias e momentos de vida das mulheres. Um total de 10 mulheres se interessaram pela pesquisa, mas apenas 3 contemplavam os critérios definidos. As participantes assinaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e nomes fictícios foram adotados para anonimato das mesmas.

Foram utilizados, como instrumentos de pesquisa, o diário materno, a redação, e as dinâmicas conversacionais (virtuais) em torno do diário materno e álbum de memórias (fotos). Devido às particularidades impostas pela pandemia, todos os recursos informacionais foram realizados de maneira virtual, com o uso de ferramentas diversificadas, como: aplicativo *whatsapp*, reuniões semanais pelo *google meet* com aproximadamente 2h, armazenamento de informações em pastas no *google drive*.

No início da investigação, todas as participantes da pesquisa moravam com seus (suas) filhos (as). A participante Nilma tinha 41 anos, foi mãe aos 35 anos e tinha um filho de 6 anos de idade. Durante a pandemia ela contava com o auxílio de seu pai, sua irmã e do pai da criança. A segunda participante, Ana, tinha 55 anos, três filhos adultos e foi mãe pela primeira vez aos 25 anos de idade. Durante a pandemia sua rede de relações se constituiu especialmente por seu esposo e seus filhos. A terceira participante foi Maria, de 39 anos, que havia se tornado mãe recentemente e sua filha tinha 3 meses de vida no momento inicial da pesquisa. Naquele momento inicial da pesquisa e pandemia, sua rede de relações suporte era composta pela sua mãe e pelo pai da criança. Destaca-se que, durante o período da pesquisa, as mulheres conciliavam a maternidade às demais atividades, como estudos, trabalho, cuidados com filhos e afazeres domésticos, frente aos desafios inesperados da pandemia.

5. Processo interpretativo das informações

A pesquisa é reconhecida como um exercício teórico-empírico-reflexivo e, desse modo, busca-se gerar compreensão sobre as formas como a pandemia se integrou à configuração subjetiva da maternidade. Previamente, formulou-se conjecturas que se constituíram em indicadores de possíveis produções sobre como as mulheres viveram a maternidade na pandemia. Posteriormente, em uma análise integrativa, foram geradas hipóteses que possibilitaram a compreensão da dimensão subjetiva sobre o estudado (GONZÁLEZ REY Y MITJÁNS MARTÍNEZ, 2017a). O processo de construção-

interpretativa das informações sobre as mulheres, participantes da investigação, possibilitou uma estrutura compreensiva, conforme os três eixos que seguem.

Eixo 1 – A maternidade constituída historicamente

Evidenciou-se que, em muitos momentos durante a pesquisa, ao tratar da maternidade em contexto pandêmico, as mulheres expressavam suas histórias e trajetórias no exercício atual de tornar-se mãe. No sentido de inacabado, o ‘tornar-se’ pretende expressar um processo em constante atualização, permeado por mudanças, no curso das experiências vividas na maternidade durante a pandemia, a partir de novas produções subjetivas “que não está descolada do que foi produzido na história vivida, mas emerge como um novo fluxo de sentidos subjetivos no presente” (ROSSATO, 2020, p.128).

Apesar de terem tido sua(eu) primeira(o) filha(o) em diferentes períodos e idades de suas vidas, as três viveram experiências consideradas difíceis em seus processos gestacionais, durante o parto e no pós-parto, conforme relataram, evidenciando conflitos à ideia de uma maternidade romantizada, como denunciava Badinter (1985), na qual invisibiliza o lugar da mulher em seu processo de desenvolvimento, como explicitado nos trechos, a seguir: “O meu pós-parto foi muito traumático. Eu nem conseguia falar sobre isso, antes eu chorava tanto, só chorava quando lembrava de tudo. Ninguém me ouvia. Eu falava que estava com dor e diziam que era normal, e ia passar”. (Nilma - DC). “Tive eclampsia, minha pressão estava alta, fiquei muito inchada, fiquei irreconhecível. Tive que fazer cesárea. Meu filho estava em risco e eu também”. (Ana - DC). “Fiz várias tentativas de fertilização, sem sucesso. A segunda vez foi muito traumática, dolorosa. Pela primeira vez caiu a ficha. ‘Eu não vou ser mãe’. Pensei em adotar, mas depois de um tempo conheci o local onde fiz minha fertilização em São Paulo. Fiquei lá 20 dias, foi sofrido. Um processo de autoconhecimento dolorido”. (Maria - DC)

O fluxo de produções de sentidos subjetivos em relação à maternidade das três participantes indica que os sentimentos expressos se relacionavam aos sofrimentos, à solidão e aos riscos à própria saúde, e a vida, no processo de gerar uma nova vida, ratificando a maternidade como uma experiência qualitativamente diferente, que as impulsiona de muitas formas. Relataram, ainda, que mesmo exercendo a profissão escolhida e tendo alcançado um nível de formação intelectual privilegiado, ser mãe relacionava-se a expressão de sentimentos como impotência e incapacidade tal qual constitui-se uma nova dimensão de ser mulher.

Durante a pesquisa, em um dos momentos de discussão sobre o álbum de fotos, Maria expôs que diariamente quando amamenta, chora muito. Para ela, a gestação foi um momento especial, mas também de muitas mudanças e desafios. Maria ainda afirma que as coisas que a estressavam anteriormente, não a estressam mais. Referindo-se à filha, diz: “Ontem ela ficou em pé pela primeira vez” (Maria - DC). “Mas é nesse contexto de pandemia que também vivo um dos melhores momentos de minha vida, ser mãe. Que sonho! Que alegria!” (Maria - R).

Essas informações indicam que apesar do sentimento de realização expresso pela participante, a maternidade não se resume a uma experiência heróica, ao contrário, é permeada por medos, angústias e incertezas, como expresso também no relato de Nilma que passou por preocupações com a saúde do seu bebê no início da gravidez:

Quando eu estava grávida, por volta de 3 meses, naquela ecografia de translucência nugal, falaram que tinha 50% de chance dele ser sindrômico. Depois nas outras eu não dava muita atenção e sempre quando saía pensava que estava tudo bem, aquilo não importava porque eu pensava se tivesse algo eu ia querer ele do mesmo jeito (Nilma. DC).

O período da gestação já apresentava situações adversas que exigia um posicionamento diferenciado de Nilma, não somente para dar continuidade a gravidez, como pensava, mas como um processo inicial constitutivo de sua maternidade. O processo inicial da maternidade de Ana ainda foi permeado pela vivência do luto, pois em sua primeira gestação, a irmã, que também estava grávida, faleceu, assim como os filhos trigêmeos. Diante das adversidades impostas pela situação de morte da irmã e dos sobrinhos, Ana produziu um conjunto de sentidos subjetivos orientados ao destemor e à valentia para lidar com o sofrimento e conseguir cuidar de si e do seu primeiro filho.

O processo de tornar-se mãe pôde ser compreendido pela produção de sentidos subjetivos contraditórios em relação à maternidade, vinculados à história da mulher e às demais experiências de sua vida. A esse respeito, um outro momento significativo do estudo foi quando Maria escreveu sobre sua gestação:

Naquele dia quando abri aquele resultado eu não conseguia acreditar, depois da médica confirmar me dando os parabéns eu ria, chorava e era uma mistura... meu marido sentado no chão da cozinha chorando, nossa! *Pra* [sic] você ver, depois de 3 meses tive um sangramento horrível e estava internada. Aí até confirmar que tudo estava bem, a gente sofre, ri, uma montanha russa” (Maria – R).

A participante Ana, em um dos momentos de dinâmica conversacional, fala sobre suas emoções ao longo da maternidade: “Meus filhos já estão adultos, mas a culpa sempre caminhou comigo e a preocupação nunca acaba” (Ana – DC). Ao falar sobre culpa, Ana se sente consternada e não consegue reconhecer esses sentimentos como parte de sua maternidade. O sentimento de culpa expresso pela participante Ana, conforme discussão anterior, pode indicar, também, a expressão da subjetividade social no processo de vivência da maternidade. Esse sentimento de culpa como uma construção histórica e cultural participa da vida de muitas mulheres, independentemente da idade, profissão ou classe social. As mulheres aprendem muito cedo que o papel de cuidar é seu, naturalizando-se sentimentos, atividades e práticas que culturalmente são consideradas próprias das mulheres. A gênese dessa culpa expressa, cotidianamente, a força do patriarcado que transversaliza a vivência da maternidade.

O caráter complexo e histórico dessas emocionalidades expressa-se na diversidade de experiências que a maternidade apresenta às mulheres, como podemos observar nos trechos a seguir: “O lugar de mãe é um lugar que a gente sempre se questiona”. (Ana. DC)

No início da pandemia eu fiquei preocupada com a quantidade de tempo que eu teria que ficar com uma criança cheia de energia dentro de um apartamento, mas em contrapartida percebi que foi uma oportunidade ímpar da maternidade que eu não teria nos contextos da normalidade. Assim pude me relacionar com o meu filho de maneira mais inteira, sem as fragmentações de tempo e espaço impostas pelo cotidiano. (Nilma. DC)

O contexto da pandemia suscitou reflexões e questionamentos constantes quanto às formas como a maternidade era vivida por essas mulheres. Aspecto que pode indicar possível produção de novas vias de subjetivação relativas ao modo de vida das participantes. A participante Nilma relata o momento perpassado por enfrentamentos iniciais no seu pós-parto, indicando o sentimento de medo da morte, abandono e fragilidade vivenciados à época, que se atualizam durante a pandemia via produção de novos sentidos subjetivos em uma perspectiva de superação.

Na verdade, foi, foi terrível... Eu tive endometrite, uma infecção no útero e podia virar uma sepse. Quase morro. Sabe, hoje estou aqui, pandemia, ex-marido, mestrado, hum! ...e só com meu filho e olho *pra* [sic] ele e penso em tudo, sigo a vida diferente, sinto isso. (Nilma- DC)

Nos diálogos que se seguiram, emergiram aspectos que complementam a ideia de tornar-se mulher, suscitando como a relação com seus parceiros participava no desenvolvimento e constituição da maternagem. As três participantes eram casadas quando tiveram seus filhos, mas no momento da pesquisa, Nilma estava recém-separada e se constituía como uma mãe solo. Ela queixava-se do pouco envolvimento, iniciativa e autonomia do pai na relação com o filho, um dos motivos que ela atribui ao pedido de separação, evidenciando um posicionamento frente à maternidade. Ela optou por não seguir com uma relação que não a satisfazia. Por outro lado, Ana e Maria relataram a força que sentiam em seus parceiros nas inúmeras demandas, tanto da maternidade como em aspectos relativos ao estudo e trabalho.

A rotina os cuidados dos pais às (aos) filhas (os) adquiriam valor diferente às mulheres e, de modo singular, interpretou-se que o posicionamento das três indicava expressão constante contra uma lógica de supremacia masculina e diferenças de gênero predominantes socialmente. Esse aspecto revelou-se em diferentes momentos durante a pesquisa, como, por exemplo, quando Ana fala de seus posicionamentos e da atuação de seu companheiro na rotina da casa:

Por sempre trabalhar fora, sempre procurei manter uma agenda organizada de afazeres, onde nos dividimos, respeitando o momento pessoal de cada um. [...] eu acho e sempre achei ele melhor pai do que eu como mãe. Aqui ele faz. Mas, aquela preocupação e peso é da mulher, a gente tem que se policiar.
(Ana. DC)

Ainda sobre essa questão Nilma comenta: “É impressionante o peso *pra* [sic] gente, sempre é da nossa responsabilidade as coisas da casa, eu [breve pausa]. Não deveria ser assim, as coisas de casa são de responsabilidade de quem mora na casa” (Nilma. DC). Essas falas revelam conteúdos de como as mulheres se posicionam em relação às responsabilidades e demandas vinculadas à limpeza e cuidados com a casa. De forma crítica e reflexiva, questionam e tentam resistir a práticas naturalizadas em suas famílias da mulher como responsável pela casa, expressão da subjetividade social brasileira.

Sintetizando as discussões apresentadas anteriormente, o processo interpretativo das informações produzidas com as participantes da pesquisa possibilitou às pesquisadoras construir alguns indicadores sobre como a mulher mãe tem subjetivado suas experiências de maternidade, num entrelaçamento vivo e dinâmica entre suas histórias individuais de vida e a subjetividade social micro e macro com a qual nos

relacionamos, a saber: a) a maternidade é uma experiência qualitativamente diferente, que impulsiona as mulheres, de muitas formas, à ação; b) a maternidade não se resume a uma experiência heróica, sendo permeada por medos, angústias e incertezas; c) o sentimento de culpa emerge como uma expressão da subjetividade social no processo de vivência da maternidade; d) a maternidade como um espaço de resistência à lógica de supremacia masculina e diferenças de gênero, predominantes socialmente.

Evidenciamos que, diante das dificuldades, medos e sofrimentos, cada participante tornou-se mãe de modo particular, em contextos distintos, exprimindo posturas de enfrentamento em processos reflexivos e na tomada de decisões. Esse entendimento no possibilitou gerar a hipótese de que o posicionamento ativo, e certa audácia, são expressão da produção de sentidos subjetivos em relação à maternidade que revelam o caráter histórico da configuração subjetiva da maternidade, constituída no tensionamento com a subjetividade social brasileira, onde ainda é muito marcante a predominância do cuidado aos filhos às mulheres, somando-se à múltiplas outras demandas sociais, de modo particular frente à pandemia, como será discutido no próximo eixo.

Eixo 2- Ser mãe entre demandas na pandemia: maternidade, vida acadêmica e profissional

Ao longo da investigação, as sessões de dinâmicas conversacionais, muitas vezes, eram interrompidas, dada as demandas particulares de cada uma, quando se ocupavam das atividades de estudo, trabalho remoto, suas (seus) filhas (os), dinâmica e organização da casa. A partir desses momentos e do conjunto de informações foi possível produzir indicadores que orientaram construções interpretativas de como configurações subjetivas de outras experiências da vida das mulheres participavam de forma diferenciada, no exercício da maternidade.

Os cotidianos constituíram-se por dinâmicas diferenciadas durante a pandemia, por mudanças específicas na rotina e isolamento social. Segundo explicitado pelas participantes, em comparação à dinâmica antes da pandemia, ao se dirigirem à universidade e ao trabalho, presencialmente, as questões relativas aos cuidados da casa e a maternidade apareciam com menos força e exigência pessoal. A esse respeito, em um trecho de instrumento escrito, Nilma descreve ter chorado no colo do filho e ter sido

consolada por ele, temendo não conseguir lidar com as inúmeras demandas do seu momento atual. Uma questão significativa que emergiu nesse contexto de pandemia se refere à invisibilidade do trabalho materno. O ofício invisível das mães associa-se ao trabalho doméstico, em virtude de naturalizações sociais e da divisão sociosexual do trabalho. Trata-se de um tipo de trabalho estruturalmente atribuído à mulher, além de ser desconsiderado e subalternizado no contexto social brasileiro (Medeiros, 2020).

A participante Ana relata ter vivido muitos momentos de esgotamento, sobrecarga de atividades e responsabilidades, devido à intensa dinâmica profissional, acadêmica e familiar. Seu relato revela que os cuidados com os filhos estavam atrelados aos cuidados da casa. Nos relatos das participantes explicita-se que, mesmo que a mulher trabalhe fora de casa e contribua com as despesas do lar, as tarefas domésticas geralmente não são proporcionalmente divididas. Nesse momento diferenciado, o fluxo da produção de sentidos subjetivos, relacionados à maternidade, orientavam-se a sensação de exaustão e fadiga, como nos trechos a seguir: “Tenho aprendido a respirar e viver o tempo presente, um passo de cada vez, sem tantas expectativas e planos, um desafio enorme, é uma ansiedade imensa, constante”. (Maria - DC); “Divido meus tempos com outras demandas e sinto que meu engajamento no doutorado ainda não é suficiente, falta tempo para me dedicar aos estudos, a leituras mais aprofundadas”. (Maria - R)

Esse enorme número de demandas de cuidados com a filha ainda bebê, eram perpassadas pelas atividades que compunham o curso de doutorado, como disciplinas, grupos de estudos e produções teóricas aprofundadas, mas, de forma diferenciada, eram subjetivadas por Maria, que reconhecia aspectos da dinâmica de sua vida marcados pela imprevisibilidade, o que não a impedia de sentir desânimo em relação aos seus sonhos e planejamentos futuros. Sobre o desafio de ser mãe e manter uma carreira científica disse: “Agora é Lei, uma conquista incrível inserir a licença maternidade em nosso currículo lattes. Temos que avançar. Precisamos ser reconhecidas e respeitadas”. (Maria DC)

Articulada às demandas diversas, a maternidade favorecia a produção de sentidos subjetivos orientados à realização pessoal, o que movimentava essa mulher a partir de uma satisfação pessoal e interesse próprios. Uma outra expressão relativa a esse indicador foi de Nilma, em relação ao momento atual que vivia com filho:

Meu filho, apesar da pouca idade, se mostrou maduro diante de sua nova realidade de morar em duas ‘casas’. Nos dias que eu fico com meu filho me dedico totalmente a ele. Nós aproveitamos bastante a companhia, um do outro (Nilma - DC).

Essa pesquisa nos permitiu compreender como as condições objetivas de vida tomam forma para a mulher em uma dimensão simbólico-emocional. A pandemia, como fenômeno social, se apresenta como uma nova realidade na vida das três participantes, a partir de suas histórias de vida e experiências diferenciadas. Quanto às mudanças e preocupações impostas pelo isolamento social, Ana expressa:

Antes, aqui era só mãe, hoje sou uma mãe que está trabalhando, estudando. Apesar do cansaço estar em casa nesse momento, olhar e acompanhar de perto me deixa mais tranquila, porém não extingue a preocupação com uma possível contaminação a cada vez que eles precisam sair para ir às compras, quando o meu filho mais velho vai para o trabalho. (Ana - DC)

Esse momento atual, tem me permitido um tempo maior em casa, o que tem sido no mínimo desafiador para mim e para meus filhos. Às vezes percebo que eles não estavam acostumados comigo o tempo todo. (Ana - R.)

Mesmo em meio à pandemia, o curso de pós-graduação, tanto de mestrado quanto doutorado, mobilizou a produção de um conjunto de sentidos subjetivos relacionados à satisfação, conquista pessoal, indicando interesse particular em aprender e favorecendo processos de auto valoração positiva para essas mulheres.

Eu sempre quis estudar, na especialização foi ótimo, me abrii demais e agora, com mestrado... comemorei tanto quando passei, quando vi o resultado da seleção, muito bom, quantas não têm oportunidade de viver isso, um privilégio”. (Nilma - DC)

Essa experiência como estudante e pesquisadora associada à maternidade e ao trabalho doméstico indicavam a produção de alto grau de exigência e de autocobrança que, por vezes durante a pandemia, impedia a realização de atividades relacionadas ao curso. Desse modo, indicava-se, ainda, a conformação de produções de fluxos de sentidos subjetivos atuais associados à incapacidade, relacionados à depreciação de si e à procrastinação. Os trechos a seguir, podem subsidiar essas elaborações.

Confesso que conciliar os estudos, as demandas infinitas das tarefas domésticas e os cuidados com o meu filho foi e ainda é muito desafiador. Algumas leituras são iniciadas, mas nem sempre são concluídas, o fluxo de escrita é quebrado. (Nilma - R.)

Em outro momento, complementam:

Não tinha condições, sério! Nada de escrever, não tinha como, porque não tinha produção. Agora a qualificação ficou para o ano que vem (Nilma - DC)

Entrei nessa loucura, sério, não tive nem licença direito por causa da pandemia, mas achei que não ia dar conta, parei total, é muita coisa do grupo de estudos, disciplina e da tese, e as leituras, *affi* [sic]... acho que agora o pior é o sono, as noites sem dormir acabam comigo. Ideias tenho muitas, mas não *tô* [sic] tendo tempo. (Maria - DC)

Sintetizando, as construções interpretativas possibilitaram a elaboração de indicadores relativos a ser mãe entre as demandas na pandemia de indicadores que evidenciam como a maternidade, a vida acadêmica e profissional foram sendo ajustadas nesse período: a) interesse particular em aprender algo novo, durante a pandemia, de modo a favorecer processos de auto valoração positiva; b) a experiência como estudante e pesquisadora associada à maternidade e ao trabalho doméstico indicaram a produção de alto grau de exigência e de autocobrança; c) a conformação de produções de fluxos de sentidos subjetivos atuais associados à incapacidade, relacionados à depreciação de si e à procrastinação.

Identificamos que a maternidade esteve inter-relacionada a outras demandas na vida dessas mulheres, constituindo-se fonte de produções subjetivas no enfrentamento de desafios durante a pandemia. Os posicionamentos ativos e reflexivos das mulheres frente às novas situações estiveram permeados, também, por produções de sentidos subjetivos orientados à exaustão. Assim, por vezes, as mulheres postergaram atividades relacionadas a demandas para além da maternidade.

Como expressão dos posicionamentos das participantes, identifica-se que as mulheres possuíam uma rede de relações que atuava como constitutiva de sua maternidade. Esse caráter interpretativo será desenvolvido no próximo eixo de discussão, a partir das construções desse estudo.

Eixo 3 - As dinâmicas sociais dos sistemas de relações da mulher: maternidade e pandemia

A pandemia trouxe como imposição o distanciamento e o isolamento social, ao restringir gestos costumeiros nas relações sociais entre o povo brasileiro. O abraço, uma das expressões de afeto e solidariedade, em momentos de conquistas, alegria e luto, com presença marcante na subjetividade social brasileira e de outros países da América Latina, não pôde acontecer. A frequência em berçários, creches, escolas e até mesmo a presença

de pessoas no ambiente doméstico limitaram-se. Dessa forma, as redes de relações à mulher restringiram-se a pessoas mais próximas ou que dividiam o mesmo espaço físico, como o parceiro, avós, tios, tias, irmãos, ou pessoas que deveriam assumir o autocuidado e a proteção com consciência, respeitando a si e aos outros. Essa situação social incidiu com mais intensidade para algumas mulheres e mães, de modo a promover produções orientadas a ausência de afeto para alguns e fortalecimento de vínculos para outros.

Então, esse período tem sido um momento de muitas privações, no sentido da convivência com outros familiares e amigos que só conhecem minha filha por foto ou vídeo chamadas, mas também de muito recolhimento e sintonia familiar (Maria - R).

Ao longo da pandemia, a família nuclear e alguns parentes mais próximos se tornaram essenciais para as mulheres na educação e cuidados com os (as) filhos (as), constituindo nas dinâmicas sociais sistemas de relações vinculados a produções de sentidos subjetivos de convivência agradável, prazerosa e produtiva à vida das mulheres, como ilustrado a seguir.

Tenho o apoio do meu pai e minha irmã, minha mãe era muito importante, eu tinha uma ótima rede de apoio. Ai, não sei, depois que ela morreu foi difícil. Muito difícil. Eu tive que me adaptar e começar tudo de novo (Nilma - DC).

Quando fui pra Brasília meus filhos eram pequenos ainda, o mais novo tinha 5 anos. Sempre contei com o apoio do meu esposo... Também minhas irmãs, cunhadas, que acompanhavam muito de perto, mas respeitando nossas orientações. Hoje todo mundo ajuda porque às vezes fico o dia todo no computador entre estudo e trabalho (Ana - DC).

Meus pais moram no mesmo prédio que eu, somente em andar diferente, então, vivem aqui em casa. Atualmente, minha mãe tem ficado com minha filha no período da tarde e início da noite para que eu possa estudar (Maria - R).

A atuação das pessoas mais próximas das mulheres durante a maternidade indica uma rede de relações que se constituiu para além da assistência às demandas da maternidade para as três mulheres durante a pandemia. A concentração das exigências em casa confrontou-se, para as participantes, com as necessidades de isolamento social e do fechamento de instituições sociais, como a escola. Segundo Nilma, o trabalho das mães é historicamente mascarado e estar separada um pouco antes da pandemia minimizou os impactos da sobrecarga relacionados à educação e aos cuidados com o filho de 6 anos.

Na minha percepção a pandemia evidenciou o trabalho invisível das mães, silenciado por muitas gerações. Talvez se eu não estivesse separada não teria conseguido dividir com o pai do meu filho as tarefas relacionadas aos cuidados dele e poderia estar inclusive mais sobrecarregada (Nilma - R).

[
Nos dias em que a criança estava na companhia do pai, Nilma considerava um momento privilegiado para o seu descanso, os estudos, a organização e afazeres da casa. Sobre a rede de relações de Maria, que teve a primeira filha dois meses antes da pandemia, ela relata:

Os dias são bem dinâmicos e a rotina é bem intensa. Tenho me dividido em demandas de cuidados com a casa, com minha filha, comigo, com o doutorado... Tenho apoio e pessoas que me sustentam, na maior parte do tempo, o meu marido e minha mãe. Vejo eles com minha filha e sinto que são importantes como eu para ela, com eles ela se sente feliz, segura e amada. Isso me ajuda a ter força e seguir (Maria - R).

Evidenciou-se a importância de uma rede de relações ativa na maternidade que permitia a essas mulheres a oportunidade de executar outros projetos no âmbito pessoal, profissional ou acadêmico. Ao longo do estudo pôde-se compreender que essa rede de relações se caracterizava por posicionamentos ativos em relação ao cuidado e situações que envolviam os (as) filhos (as). Além disso, analisou-se a articulação da rede de relações ativas com relação à saúde da mulher. Nilma falou sobre o diagnóstico de diabetes tipo 2, que recebeu no início do ano de 2021:

O ano de 2020 não foi fácil *pra* [sic] mim, veio separação, pandemia, eu sentia um cansaço muito grande, na verdade me sentia exausta. Achei que era alteração na tireoide e quando voltei com os exames para endócrino ela disse que não. Foi um choque. Eu era do grupo de risco e não sabia. Tive que mudar muita coisa aqui, contar com ajuda mesmo. Mas agora estou me sentindo melhor, vacinada e tomando medicação (Nilma - DM).

Segundo a médica de Nilma seu diagnóstico estava relacionado ao estresse vivido, desencadeando a diabetes. As relações da participante com a maternidade expressam-se em sua forma de viver o cotidiano e integra-se a outras áreas da vida da mulher. A rede de relações e a articulação com pessoas que ajudaram Nilma pode indicar uma via para favorecer mudanças em seu modo de vida. Ana, durante a pandemia, recebeu o diagnóstico de Covid do filho, que fazia residência médica em outra cidade, além de apresentar quadros de hipertensão arterial e problemas sérios nos olhos. Ela nos falou sobre os laudos médicos nesse período:

Estávamos celebrando o Natal e meu filho estava de plantão e falou apenas pra mim que estava com febre e muita dor no corpo. Suspeitava de Covid. Fiquei confiante, ele teve pneumonia leve. Graças a Deus chegou o décimo dia, ficamos mais tranquilos (Ana - DM).

Sai tarde da clínica. Meus olhos estão doendo de tantos exames. Resultado: glaucoma agravado, lesão na córnea que precisa de cirurgia com laser urgente e uma inflamação (Ana - DM).

A configuração subjetiva da maternidade representa uma rede de produções de sentidos subjetivos integrada à multiplicidade de desdobramentos do vivido pela participante da pesquisa. Essas produções emergem no curso da ação e do comportamento da mulher no contexto familiar e outros cenários sociais. Quanto às doenças e a saúde dessas mulheres estas representam além do marco biológico sistemas complexos em desenvolvimento, configurados “de um conjunto de processos diferentes que, em um momento particular, facilitam ou impedem à pessoa a geração de alternativas saudáveis diante de experiências vividas” (González Rey, 2011b, p.28). Pôde-se construir um indicador de que as relações estabelecidas, os vínculos e os sistemas de comunicação expressos nas redes de relações caracterizadas como ativas explicitam momentos de maior liberdade, menos rigidez, monitoramento e cobranças excessivas pelas mulheres.

Desde o começo estamos reclusos. Não saímos. Mas temos um lugar especial da nossa família, usamos para nos reunir aos finais de semana e datas especiais, local de descanso. Um terreno maior, uma casa que só a família usa. Foi idealizado pela minha irmã que faleceu (Ana - DM).

Essa distância mata a gente. Nas férias meu irmão veio e minha sogra com cunhada, passamos um ano novo juntos. Foi ótimo, tanto tempo sem nos ver e preparamos cada detalhe, foi uma festa com camisetas personalizadas e tudo que tínhamos direito. Que possamos passar por tudo isso bem e todos com saúde (Maria - DC).

De modo sintético, por meio das discussões apresentadas neste eixo, a respeito das dinâmicas dos sistemas de relações na maternidade, durante a pandemia, considera-se que: a) a atuação das pessoas mais próximas às mulheres constituíram-se como uma rede de relações para além da assistência às demandas específicas da maternidade; b) os vínculos estabelecidos e os sistemas de comunicação expressos nas redes de relações se caracterizam como dinâmicos, vivos e explicitam momentos de maior liberdade, menos rigidez, monitoramento e cobranças excessivas pelas mulheres.

Desse modo, hipotetizou-se que para as mulheres, a relação com as pessoas da rede de relações configurava-se subjetivamente integrando-se à configuração subjetiva da maternidade. Essas relações caracterizaram-se por envolvimento e vínculo em virtude de interesses comuns; produções de elementos subjetivos de relativa estabilidade e consistência favorecedora de situações de enfrentamentos no cotidiano. Esses vínculos afetivos diferenciados foram fontes da produção de fluxos de sentidos subjetivos relacionados à confiança e tranquilidade, relacionada à despreocupação com demandas específicas da maternidade.

6. Considerações finais

Este artigo teve por objetivo analisar a configuração subjetiva da maternidade como constitutiva da dinâmica da vida da mulher em contexto de pandemia discutindo a relevância de aspectos como a singularidade, historicidade e o caráter gerador da mulher para avançar na compreensão de investigações e práticas sobre a maternidade. A esse respeito, considera-se que:

1. O estudo possibilitou evidenciar que a vivência da maternidade para as mulheres se expressava em um posicionamento ativo e de certa audácia quanto à produção de um conjunto de sentidos subjetivos dominantes em relação aos desafios, medos, sofrimentos e à tomada de decisões.
2. No contexto da pandemia, a configuração subjetiva da maternidade expressou mudanças em uma interrelação a outras áreas da vida das mulheres que, por sua vez, esteve permeada por produções de sentidos subjetivos orientados à exaustão, se expressando na procrastinação de atividades relacionadas a demandas para além da maternidade, processo relacionado a um alto grau de exigência, autocobrança e depreciação de si. Desse modo, analisou-se que a maternidade se configurou como experiência articulada à saúde e ao modo de vida das mulheres.
3. Para as mulheres, a relação com as pessoas próximas se constituiu em uma rede de relações configuradas subjetivamente integrando-se à configuração subjetiva da maternidade. Essas relações caracterizaram-se por envolvimento e vínculo em virtude de interesses comuns; produções de elementos subjetivos de relativa estabilidade e consistência favorecedora de situações de enfrentamentos no cotidiano. Esses vínculos afetivos diferenciados foram fontes da produção de

fluxos de sentidos subjetivos relacionados à confiança e tranquilidade, alusivos à despreocupação com demandas específicas da maternidade.

A investigação com essas mulheres possibilitou, por meio do estudo da subjetividade, a compreensão tanto da maternidade como experiência configurada subjetivamente quanto de uma representação singularizada de posicionar-se frente ao inesperado, distanciando-se de um perfil universal de mãe. O processo de tornar-se mãe pôde ser compreendido pela produção de sentidos subjetivos contraditórios em relação à maternidade, vinculados à história da mulher e às demais experiências de sua vida.

Considera-se importante que a maternidade se constitua objeto de estudo, práticas profissionais e debates nos diversos espaços sociais de atuação de mulheres, visto a abrangência e complexidade do campo. Por tratar-se de uma experiência transversalizada por questões raciais, sociais, econômicas e de representações de gêneros, outras histórias precisam ser evidenciadas a fim de colaborar para novas construções sociais calcadas no respeito às singularidades da mulher.

Referências

ABREU, Fernanda, MARQUES, Fernanda; DINIZ Ilidiana. Divisão Sexual do Trabalho entre Homens e Mulheres no Contexto da Pandemia da Covid-19. *INTER-LEGERE*. Vol. 3, n. 28, 2020.

ALMEIDA, Leila Sanches. Mãe, Cuidadora e Trabalhadora: As Múltiplas Identidades de Mães Que Trabalham. *Revista do Departamento de Psicologia - UFF*, v. 19/ n. 2, p. 411-422, Jul./Dez, 2007.

ARIÈS, Phelipe. *História social da infância e da família*. Tradução: D. Flaksman. Rio de Janeiro: LTC, 1978.

BADINTER, Elisabeth. *Um Amor Conquistado: o Mito do Amor Materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

CARUSO, Maria Beatriz Rossi; RAMALHO, Manuela de Oliveira; PHILIP, Juliana; BRAGAGNOLO, Cibele. Maternidade, ciência e pandemia: um apelo urgente à ação! *Maternity, science and pandemic: an urgent call for action! Hoehnea*: 47, 2020.

CARPENEDO, Manoela; NARDI Henrique. Maternidade transnacional e produção de subjetividade: as experiências de mulheres brasileiras imigrantes vivendo em Londres. *Cadernos Pagu* (49), 2017.

CASTRO, Bárbara; CHAGURI, Mariana. Gênero, Tempos de Trabalho e Pandemia: Por Uma Política científica Feminista. *Linha Mestra*, n.41A, p. 23-31, 2020.

CLÍMACO, Julia Campos. Análise das construções possíveis de maternidades nos estudos feministas e da deficiência.. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, 28(1), 2020.

CORREIA, Maria de Jesus. Sobre a Maternidade. *Análise Psicológica*, 3 (XVI): p. 365-371, 1998.

DITZ, Erika da Silva; ROCHA, Amanda Leão da Silveira. As repercussões no cotidiano de mães de bebês internados na Unidade de Terapia Intensiva Neonatal durante a medida de isolamento social para evitar contágio por COVID-19. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional/Brazilian Journal of Occupational Therapy*, Preprint, 2020.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. *Sujeito e subjetividade: uma aproximação histórico-cultural*. 1ª reimpressão da 1ª edição de 2003. Tradução Raquel Souza Lobo Guzzo. São Paulo. Pioneira Thomson Learning, 2005a.

_____. O valor heurístico da subjetividade na investigação psicológica. In: GONZÁLEZ REY, Fernando (Org.). *Subjetividade, Complexidade e Pesquisa em Psicologia*. São Paulo: Thomson, 2005c. cap. 2, p.27-52, 2005b.

_____. *Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação*. 1ª reimpressão da 1ª edição de 2005. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

_____. *Pesquisa qualitativa em Psicologia: caminhos e desafios*. 2ª reimpressão da 1ª edição de 2005. São Paulo: Cengage Learning, 2011a.

_____. *Sujeito e saúde: superando a clínica da patologia*. São Paulo: Cortez, 2011b.

_____. A configuração subjetiva dos processos psíquicos: avançando na compreensão da aprendizagem como produção subjetiva. In: MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina; SCOZ, Beatriz; Castanho, Marisa Siqueira (Org.). *Ensino e aprendizagem: a subjetividade em foco*. Brasília: Liber Livros, 2012a. cap. 1, p. 21-42, 2012.

_____. The rescue of subjectivity from a cultural-historical standpoint. In. Beshara, Robert (editor). *A critical introduction to Psychology*. Hauppauge: Nova Science Publishers (pp. 9-26), 2020.

GONZÁLEZ REY, Fernando; MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina. *La personalidad: su educación y desarrollo*. Habana: Editorial Pueblo y Educación, 1989.

_____. *Subjetividade, Teoria, Epistemologia e Método*. Campinas. SP. Ed. Alínea, 2017a.

_____. El desarrollo de la subjetividad: una alternativa frente a las teorías del desarrollo psíquico. *Papeles de Trabajo sobre Cultura, Educación y Desarrollo Humano*, v. 13, n. 2, p. 3-20, 2017b.

GONZÁLEZ REY, Fernando; MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina; ROSSATO, Maristela; Goulart, Daniel. The relevance of the concept of subjective configuration in discussing human development. In: FLEER, Marilyn; GONZÁLEZ REY, Fernando; VERESOV, Nikolai. (Org.). *Perezhivanie, Emotions and Subjectivity – advancing Vygotsky's legacy*. 1ed. New York: SPRINGER, p.297-338, 2017.

HAYS, Sheron. *The Cultural Contradictions of Motherhood*. Editora Yale University Press. New Haven, 1998.

LERNER, Gerda. *A Criação do Patriarcado: História da opressão das mulheres pelos homens*. São Paulo: Cultrix, 2019.

MACÊDO, Shirley. Ser mulher trabalhadora e mãe no contexto da pandemia COVID-19: tecendo sentidos. *Revista Nufen: Phenom. Interd.* | Belém, 12(2), 187-204, mai./ago, 2020.

MEDEIROS, Priscila Brandão. Divisão sócio sexual do trabalho: naturalizações sociais como estratégia de minimização do estado. *Temporalis*, Brasília (DF), ano 20, n. 40, p. 215-232, jul./dez, 2020.

MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina. A teoria da subjetividade de González Rey: uma expressão do paradigma da complexidade na psicologia. In: GONZÁLEZ REY, Fernando Luis (Org.). *Subjetividade, complexidade e pesquisa em Psicologia*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

MOREIRA, Lisandra Espíndula; NARDI, Henrique Caetano. Mãe é tudo igual? Enunciados produzindo maternidade(s) contemporânea(s). *Estudos Feministas*, Florianópolis, 17(2): 344, mai./ago. 2009.

MOURA, Solange Maria Sobottka Rolim de; ARAÚJO, Maria de Fátima. A maternidade na história e a história dos cuidados maternos. *Psicologia, Ciência e Profissão*, 24 (1), p.44-55, 2004.

SAMPAIO, Fabricio de Sousa; TAVARES, Leonardo Pereira. *Contestando as fronteiras de gênero, raça e sexualidade na sociedade brasileira*. Campina Grande: Editora Ampla 2020.

O'REILLY, Andrea. *Enciclopédia da Maternidade* [Online] Disponível em:<https://literarymama.com/articles/departments/2014/06/profile-of-andrea-oreilly-motherhood-is-not-a-liability>. Acesso em: (1/11/2021).

_____. Redefining Motherhood: Changing Identities and Patterns. *Canadian Scholars'* Press. p. 339, 1998.

PERES, Ana Cláudia. Elas resistem: como a pandemia impacta a vida das mulheres brasileiras e de onde vem as múltiplas formas de resiliência. *Radis*, n.213, jun., 2020.

RODRIGUES, Natália Queiroz Cabral. O trabalho feminino em tempos de pandemia. *Rev. do Trib. Reg. Trab.* 10ª Região, Brasília, v. 24, n. 1, p. 38-51, 2020.

ROSSATO, Maristela. A complexidade da subjetividade como um sistema configuracional em desenvolvimento. In: MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina; TACCA, Maria Carmen; PUENTES, Roberto (Orgs). *Teoria da subjetividade: discussões teóricas, metodológicas e implicações na prática profissional*. 1ª ed. Campinas, SP: Alínea, p. 119-136, 2020.

SALETTI CUESTA, Lorena. Propuestas Teóricas Feministas en Relación al Concepto de Maternidad. *Clepsydra*, 7; pp. 169-183, 2008.

SAMUELLS, Félix Jorge Robson. *Educação em saúde e subjetividade: uma análise da produção subjetiva em mulheres submetidas à histerectomia*. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Mestrado em Educação. Universidade de Brasília, Brasília, 2018, 112p.

SANTOS, Sílvia Reis dos; SCHOR, Néia. Vivências da maternidade na adolescência precoce. *Revista Saúde Pública*; 37, n.1, p.15-23, 2003.

SILVA, Bruno Sanches Mariante da. A “maternidade moderna” e a medicalização do parto nas páginas do Boletim da Legião Brasileira de Assistência, 1945-1964. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, vol. 25, n. 4, pp. 1019-1037, 20